

O BRASIL, SUA HISTÓRIA E OS DESAFIOS DO FUTURO

José Laurentino Gomes é paranaense de Maringá, jornalista, trabalhou como repórter e editor em alguns dos principais veículos de comunicação do país, incluindo O Estado de São Paulo e a revista Veja. É autor da trilogia “1808”, “1822” e “1889”, livros sobre a História do Brasil que têm obtido enorme sucesso, inclusive tendo recebido seis vezes o Prêmio Jabuti e citações elogiosas da Academia Brasileira de Letras. Proferiu a palestra: *O Brasil, sua História e os Desafios do Futuro* para uma plateia sedenta por História do Brasil, aqueles que buscam referenciais do passado para compreender o seu presente e, assim, construir um futuro melhor.

AUTORES:

ALEXANDRE G. TAQUES DA FONSECA

BACHAREL EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO PELA FAE CENTRO UNIVERSITÁRIO E ESTUDANTE DO 4º PERÍODO DO CURSO DE FILOSOFIA DA FASBAM – FACULDADE SÃO BASÍLIO MAGNO

MARCO ANTÔNIO PENSAK

BACHAREL EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - COMÉRCIO EXTERIOR PELA CATÓLICA SC CENTRO UNIVERSITÁRIO E ESTUDANTE DO 4º PERÍODO DO CURSO DE FILOSOFIA DA FASBAM – FACULDADE SÃO BASÍLIO MAGNO

MATEUS KOZECHEN

ESTUDANTE DO 4º PERÍODO DO CURSO DE FILOSOFIA DA FASBAM – FACULDADE SÃO BASÍLIO MAGNO



José Laurentino Gomes.

Laurentino Gomes iniciou sua palestra saudando os presentes e dizendo que eles estavam ali, bravamente, numa noite fria e chuvosa de final de outono curitibano e que, embora tenha escrito livros sobre o século XIX, buscaria usar a história do Brasil para analisar o presente e, principalmente, sinalizar algo para o futuro.

Observando um clima de pessimismo e de falta de esperança no Brasil, o palestrante demonstrou que ainda existem razões para se ter otimismo e esperança em relação ao nosso país. O que significa, segundo ele, não ser leniente com o que está acontecendo: a corrupção e o cinismo no discurso das nossas autoridades.

O brasileiro é interessado por sua história, mesmo tendo um baixo índice de leitura. Ao se deparar com um mundo homogeneizado, as pessoas começaram a ir em busca de âncoras profundas de identidade, porque elas não são um produto pasteurizado, mas são seres com características e convicções individuais. Com isto, ganharam destaque dois fenômenos, por assim dizer: o da espiritualidade para responder o que faz sentido nesta vida; e o da história que nos confere identidade – é apenas olhando o passado que nós entendemos o presente, não só como indivíduos, mas também como sociedade. Esta formação de identidade não se dá somente na dimensão passado-presente, ela se projeta

no futuro porque tem elementos reais de acontecimentos, fenômenos e personagens do passado que realmente existiram, e que sustentam um arcabouço mitológico que nos forma pela maneira com que olhamos para nossa história. Quando tentamos construir o Brasil do futuro, Laurentino afirma que nós usamos dos mitos do passado que nos sustentam no presente. Por isso, uma sociedade que não faz uso de sua história, não consegue se entender.

O Brasil passa por um período inédito: são mais de 30 anos de exercício da democracia representativa – o maior intervalo realmente democrático da história brasileira. Isto nunca aconteceu no passado. Nós somos chamados a participar da construção do futuro e, neste ambiente democrático, estudar história é fundamental, pois decidimos o presente e o futuro por nós mesmos. Daí, podemos nos

perguntar: quais são as nossas âncoras de identidade? A história tem um movimento no presente de acordo com as circunstâncias. Dom Pedro I, por exemplo, durante o recente Regime Militar era considerado como um herói marcial. Já na série *O Quinto dos Infernos*, é representado como um herói desqualificado. Os mitos, portanto, são checados o tempo todo porque, no fundo, nós estamos confrontando a nossa própria identidade. O exercício da democracia nos confronta e isso, aparentemente, é algo saudável. Primeiramente pode haver um susto, mas depois nos perguntamos: será que realmente somos assim? É aí que começamos a fazer perguntas como: será que somos democráticos ou a nossa índole é, na essência, autoritária? Laurentino observa uma exaustão da democracia brasileira, tendo a impressão de que nos iludimos com o movimento *Diretas Já* que, após uma ou



Carmen Gomes, João Casillo, Liana Leão, Laurentino Gomes e Cléverson Teixeira.

duas eleições, não fez do Brasil uma Suíça. Nós estamos assustados com o fato de que construir um Brasil pela via democrática é algo muito difícil porque é necessário confrontar interesses antagônicos naturais dentro da sociedade.

“[...] a necessidade de fazer escolhas na democracia – é difícil, mas é necessário; [...]”

Neste sentido, parece ser necessária uma solução freudiana, isto é, precisamos de um pai que nos cuide e que coloque ordem na casa sem a necessidade da nossa participação. Esta exaustão nos confronta. Queremos soluções rápidas que não nos dêem o trabalho de construir consenso, de construir soluções duradouras. Nós temos um Brasil em busca de uma identidade perdida – uma identidade que foi construída ao longo de muito tempo, mas que se perdeu pelo confronto da realidade. Nós estamos órfãos de identidade. Afinal, quem nós somos? O Brasil precisa encontrar um eixo comum que suavize os conflitos e, neste momento de confronto, é necessário voltar ao passado para nos perguntarmos: dá para construir o Brasil com esta matéria-prima?

O palestrante mencionou, então, elementos construtivos da identidade brasileira. Alguns positivos, como o fato, apesar da improbabilidade, de termos demonstrado no passado uma capacidade de ocupar e manter o território unido. Fato que a América Espanhola não conseguiu na época da independência, ocasionando a sua fragmentação. Nós mantivemos uma sociedade nacional unida num ambiente de muita diversidade geográfica, de clima, de cultura racial, de renda e de cidadania. Mas também tivemos elementos negativos que são passivos históricos e que não foram

resolvidos de forma adequada e que nos assombram hoje e vão nos assombrar por muito tempo ainda, um deles é a desigualdade social que é uma herança direta da escravidão. No Brasil colonial e imperial, quem trabalhava era o escravo e uma consequência disso é termos, hoje, uma aversão ao trabalho manual como sendo algo totalmente indigno. Outro passivo é o analfabetismo. Quando a corte chegou no Brasil, estima-se que 99% da população fosse analfabeta. A educação nunca foi uma prioridade no Brasil. A primeira universidade foi criada em 1912 – a Universidade Federal do Paraná (UFPR). Além disso, há também o passivo da concentração de riquezas que é uma herança de latifúndios e que, hoje, não faz o menor sentido realizar uma reforma agrária que deveria ter acontecido há 150 anos.

Nós ainda estamos buscando a nossa



José Laurentino Gomes.

identidade. Com tanto passivo social que não conseguimos resolver no passado, como poderemos exercer a democracia se a maioria do eleitorado quer troca de favores que tenham efeitos rápidos? Existe, de fato, uma tentação autoritária porque a população

brasileira é muito desnivelada. Quando, no fundo, questionamos a democracia, nós estamos nos perguntando: como incorporar a massa de não cidadãos no processo decisório? Trata-se de um desafio enorme.

Uma identidade, para ser realmente sólida, precisa ser produto de um pacto, isto é, a sociedade tem que se reconhecer coletivamente nessa identidade. E é isso que nos polariza tanto e que reflete uma intolerância: nós não queremos ouvir o outro. Nós estamos assustados com o que somos e fugimos do debate saudável para defender um posicionamento pessoal de maneira radical, rápida e assertiva.

Nós passamos por uma ruptura cultural muito drástica nas décadas de 1960 e 1970.

Era um Brasil que tentava resolver o passivo da industrialização. O fato de, no passado, o Brasil ter preferido ficar com a exportação de matéria-prima sem agregar valor, criou uma ruptura de valores de crenças, de redes de apoio social que funcionavam muito bem no Brasil rural até 1950, e que não existem mais porque a solução deste passivo ocorreu de forma atabalhoada.

[...] a democracia se consolidará na medida em que ela devolver as esperanças do povo [...]

Diante disto, Laurentino apresentou alguns desafios que nos pairam no horizonte: *a saída autoritária* – que está muito forte e que nos provoca o tempo todo, mas que não é favorecida pelo ambiente internacional que favoreceu em 1964; *a necessidade de fazer escolhas na democracia* – é difícil, mas é necessário; *a democracia se*



Cléverson Marinho Teixeira, Laurentino Gomes e Berenice de Souza Teixeira.

consolidará na medida em que ela devolver as esperanças do povo – educação e saúde de qualidade; a demonização do outro sem assumir a responsabilidade – pôr a culpa nos portugueses, no imperialismo americano, nas elites, no governo ou na mídia, tida como o grande demônio da atualidade; e o enorme desafio de qualificar a sociedade brasileira ao construir cidadania pela educação – não delegar este trabalho às escolas, isto deve ser construído nas famílias, nas empresas, na Igreja e não somente pelo Estado, pois somente uma massa crítica construirá um Estado melhor e mais qualificado num ambiente democrático.

É necessário calibrar as expectativas referentes ao Brasil. Sem ter uma atitude

[...] a demonização do outro sem assumir a responsabilidade [...]

leniente, é preciso ter paciência. Os passivos são muito grandes e muito antigos. Nós não vamos conseguir resolvê-los de uma hora para outra. Isto é trabalho de gerações.

Os frutos virão mais lentamente do que imaginamos, mas eles serão resultados da história que construímos hoje. Nós somos desafiados a tomar providências e estamos adiando por medo de confrontar. Precisamos acreditar nas escolhas do passado e não as abandonar, pois estas sementes serão para que as gerações futuras colham os sonhos de hoje. O Brasil de hoje pode não ser o melhor, pode não ser o mais justo, mas o Brasil que nós sonhamos hoje pode, sim, ser melhor e mais justo se nós assumirmos o desafio de construí-lo hoje. ■

